



Equipas de Nossa Senhora

POR UMA ESPIRITUALIDADE DO CRISTÃO CASADO

PADRE HENRI CAFFAREL

(L'Anneau d'Or, N° 84, 1958)

Convidaram-me para vos falar daquilo a que costumamos chamar “espiritualidade dos cristãos casados”(1). Alguns teólogos recusam esta expressão, outros defendem-na. O Padre Congar, no seu livro “Balizas para uma teologia do laicado” (a), escreve para justificar este termo, que ele mesmo emprega: “Não se entrará aqui no debate há pouco instituído em redor da palavra espiritualidade. Os que, dando à palavra toda a sua precisão e toda a sua densidade teológica, afastaram a ideia de uma espiritualidade do clero diocesano ou do laicado, recolheriam facilmente a nossa aprovação. Mas os que, tomando a palavra num sentido concreto, descritivo, se esforçam por recolher os elementos duma espiritualidade do clero diocesano, do apostolado ou do laicado, encontrar-me-iam acolhedor e simpaticamente atento.”

A “tentação da santidade”

Proponho-me pois dar-vos uma introdução à “espiritualidade do cristão casado”. Mas, desde o início, reafirmemos que: não há várias santidades, há apenas uma perfeição cristã. São Tomás de Aquino definiu-a assim: «Todo o ser é perfeito desde que atinja a sua finalidade, que é a sua última perfeição; ora, a última finalidade da vida humana é Deus e é a caridade que nos une a Ele, segundo as palavras de S. João: “Aquele que permanece na caridade está em Deus e Deus nele.” É pois especialmente na caridade que consiste a perfeição da vida cristã.» Para o leigo, para o religioso, a santidade é a mesma, define-se do mesmo modo.

Todo o cristão - e portanto também todo o cristão casado - é chamado à perfeição.

No entanto, é necessário reconhecer que quando tomam consciência disso, os leigos entram por vezes em pânico diante desta perspectiva da santidade. Nada é tão impressionante como esta confissão de Jacques Rivière: «Meu Deus afasta de mim a tentação da santidade. Não é para mim. Contentai-vos com uma vida pura e paciente que eu farei todos os esforços para vos dar. Não me priveis das alegrias deliciosas que conheci, que tanto amei, que tanto aspiro a reencontrar. Não confundais. Eu não sou da espécie que precisas. Eu sou casado e pai, sou escritor. Não me tenteis com coisas impossíveis. Perderia o meu tempo nisso, - tempo que posso empregar de outra forma ao teu serviço!»

(1) Estas páginas reproduzem as notas tomadas numa conferência feita há uns meses pelo Padre Caffarel numa reunião de preceptoras de noviças de diversos Institutos religiosos da região de Paris.

N.T. (a) Título em Francês: “Jalons pour une théologie du laïc”

Necessidade de uma espiritualidade do cristão casado

Portanto, uma só santidade à qual todos são chamados e da qual se deve dizer aos cristãos que são feitos para ela.

Mas espiritualidades? Espiritualidades, ou seja, caminhos para atingir esta santidade? Que têm de específico, o que caracteriza estes diversos caminhos? Primeiro, como sugere o Padre Congar, o estado de vida. É bem evidente, a doutrina cristã, que é a mesma para todos, não pode ser vivida da mesma maneira por um monge, por uma religiosa que ensina, por um membro de um Instituto secular, por um homem ou uma mulher casados. Podemos desde já definir uma espiritualidade particular para cada um destes estados.

O que especifica igualmente as espiritualidades, são as grandes orientações dadas pelos fundadores das diferentes Ordens: o louvor de um lado, a reparação de outro, ou ainda a tónica colocada na pobreza: aspectos diversos que apresentam, na Igreja, santos com fisionomias extraordinariamente variadas. Dois cristãos medíocres assemelham-se, enquanto que dois santos são sempre muito diferentes, embora habitados os dois por uma caridade heróica. Tipos de santidade variados, caminhos variados, tudo isso para realizar esta única santidade e oferecer à nossa admiração uma face múltipla de Cristo, que permanece contudo o mesmo: a única face de Cristo.

Em que consiste a espiritualidade do cristão casado? Poder-se-ia dizer, dir-se-á talvez um dia, que há *espiritualidades* do cristão casado. De resto, actualmente não se vêem tipos de casais diferentes? Seria interessante e instrutivo possuir uma série de estudos sobre os casais ligando-se, pelas ordens terceiras ou outro vínculo, às grandes ordens religiosas. Mas deixemos isto, não é o nosso assunto. Tentemos apenas ver o que vale para todos os casais.

Não é plágio

Em primeiro lugar, em poucas palavras, o que não é a espiritualidade do cristão casado. Não é um plágio da espiritualidade monástica. Fiquei com uma consciência aguda disso no dia em que, após uma conferência, se me dirigiu uma mulher de certa idade, muito entusiasta, que me disse que a tinha profundamente interessado; incomodado por tal demonstração disse-lhe: "Mas minha senhora, porquê essas felicitações inesperadas? – Eu vou dizer-lhe tudo, Senhor Padre.» Preparo-me para ouvir uma confidência, que parecia ter alguma dificuldade em sair! «O Senhor sabe, o Coronel (era assim que ela designava o seu marido, só havia um coronel no mundo!), quando casámos, evidentemente nessa altura era apenas um pequeno tenente, mas já era profundamente cristão, era mesmo oblato de ... (esqueci-me de que abadia); tinha um grande sentido da abnegação e da penitência, e mesmo, Senhor padre, posso dizer-lhe que ele usava um cilício (b), mas acrescentaria que era eu que sofria com isso!» Compreendi então porque me felicitava tão calorosamente de preconizar uma espiritualidade conjugal: para que os maridos aprendam que não lhe é recomendado usar um cilício se é a sua mulher que se quer mortificar.

Portanto, primeiro conceito a eliminar: uma espiritualidade conjugal puro plágio da vida religiosa.

Nem evasão, nem individualismo

Segundo erro a afastar: a espiritualidade de evasão. Uma mãe de família profundamente cristã, que tivesse recebido certamente grandes graças da oração, estava relacionada com todos os religiosos e religiosas da sua região; fazia muitos retiros nos seus mosteiros. Cada dia da sua vida, entre as 9 e as 11 horas da manhã, ninguém - nem os empregados, nem as crianças, e mesmo o marido - devia entrar no seu quarto. Ora, um dia chegou em que este homem foi procurar consolação junto de outra, ligeiramente menos mística. E a família

N.T. (b) Pano áspero usado por algumas ordens religiosas para mortificação

provavelmente ter-se-ia quebrado se Deus não tivesse chamado a si a esposa, o que permitiu ao marido contrair, em paz com a sua consciência, um novo casamento. Sem dúvida, seguidamente, ao encontrar o caderno espiritual da sua primeira mulher, ele compreendeu melhor aquela que tinha sido a sua companheira durante longos anos, e ele mesmo se converteu a uma vida mais cristã. Mas aí está bem o tipo de uma vida espiritual de evasão que não tem em conta as responsabilidades conjugais e sociais.

Outro erro: uma vida espiritual individualista. Em muitos domínios, os cônjuges seguem uma unidade de visão e de acção que é habitual no plano do casal. Mas não fazem questão de comunicar no plano espiritual. Vive-se com Deus cada um por si. Cada um segue o seu pequeno caminho pessoal, afastado e abrigado do outro. Como um solteiro. Cada um diz: «eu», sem pensar no «nós» criado pelo Sacramento.

Não há confusão

Quarto erro - eliminando os erros desbrava-se o caminho! Uma vida espiritual que seria uma confusão. Que confessor não viu chegar, um dia, um jovem casal: «Senhor padre, queremos confessar-nos os dois juntos. - Mas não, meu caro amigo, gostava mais de vos confessar um após o outro. - Mas, o padre Untel confessa-nos os dois juntos! - Bem, pode ser, mas... se assim querem, faremos as coisas sucessivamente!» Evidentemente este desejo é tocante, parte de um bem natural e traduz uma orientação verdadeira, mas que vai um pouco longe... Os cônjuges têm razão de pedir aos seus padres que sejam tratados como homem e como mulher casados, como cônjuges. Qual não foi a minha surpresa, um dia, ao ler aquela carta de um camponês da Savoia - ele não tinha feito o curso de teologia mas via singularmente bem: «Após o casamento, a nossa vida espiritual também muda, somos dois em um; doravante, as nossas almas não devem ser mais ou menos vizinhas, nem mesmo justapostas, mas duas almas intimamente unidas, duas almas que não devem caminhar para Deus separadamente, paralelamente, mas bem juntas. Os esposos não sabem geralmente exprimir isto, mas sentem-no mais ou menos nitidamente; eles desejam meios espirituais adaptados ao seu novo estado. Se estão habituados a uma direcção espiritual, sentem ainda mais esta necessidade; esperam, a partir do seu casamento, ser dirigidos em função da sua nova vida, em função da outra alma que não deve ser mais a alma-irmã, mas a alma-esposa. De facto, geralmente nada é alterado. Continuamos, certamente, a fazer caminhar as duas almas o melhor possível, mas como se cada uma delas fosse a única a dever santificar-se independentemente da outra. Este problema que acabamos de referir também afecta o padre; os esposos têm a impressão que este não os segue tanto na sua nova vida, impressão geralmente agravada pela sua atitude mais reservada, mais facilmente distante. Com as dificuldades de adaptação e a ajuda do diabo, muitos entre eles acabam por acreditar que o seu casamento os põe à parte, um pouco à margem, quase fora da religião. Para os que tinham, antes da sua união, uma vida espiritual fervorosa, isto provoca muitas vezes verdadeiras crises de vida interior, que se traduzem por um abrandamento da vida religiosa e quase sempre por redução do apostolado. Ora duas almas que se unem deveriam fazer mais que somar o seu potencial espiritual, elas deveriam multiplicá-lo. Na realidade acontece o contrário: este potencial diminui, quando não cai mesmo a zero.»

«Podemos encontrar muitas causas da baixa da irradiação e da acção nestes jovens casais de elite. A mais grave é, quase sempre, a falta de unidade espiritual entre os esposos. Unimos os corpos, os corações, mas não unimos as almas. Na prática é necessário orientar os esposos para uma espiritualidade adaptada ao seu estado de casados, a toda a sua vida; para uma *espiritualidade do casal*. Isto exige toda uma mística e toda uma ascese. (O nosso jovem camponês tinha pensado de forma bem singular neste problema!) Vós, os padres, trabalhai para renunciar, para se ultrapassarem, para se separarem de vós próprios para irem directamente para Deus, e isso é difícil. Nós, os esposos, a nossa vocação é caminhar para Cristo juntos, um e o outro, um com o outro, um pelo outro. As imperfeições do nosso cônjuge podem impedir-nos de caminhar para Deus, assim como as nossas podem fazer

abrandar a sua velocidade; é pois menos simples, não é certamente mais fácil, e compreendeis, com certeza, como a vossa direcção e a vossa ajuda nos são indispensáveis.»

Vejam como ele coloca admiravelmente a questão. Tentemos então descrever esta espiritualidade que os casais reclamam e da qual têm grande necessidade para salvaguardar a sua vida conjugal.

- O matrimónio oferece aos esposos ajudas e comporta perigos próprios
- A espiritualidade conjugal deve convidá-los a cristianizar toda a sua vida e a fazer resplandecer a Redenção do seu casal

AS AJUDAS DO MATRIMÓNIO

O cônjuge

Que ajudas são propostas aos cristãos casados? Pois eles têm ajudas próprias, que são um bem para si – ajudas de ordem natural e de ordem sobrenatural.

Primeiro, esta ajuda que deve ser a *união conjugal*, o facto de serem *dois juntos*, para caminharem juntos para esta palavra para a qual Deus os chama: santidade. Não falamos daqueles casais em que o cônjuge se arrisca a ser um obstáculo. Certamente, por toda a parte o melhor pode tornar-se o pior. Mas há casais em que os dois cônjuges compreenderam, no dia do casamento, que se devem ajudar um ao outro, e que são cônjuges com uma finalidade. O fim sobrenatural do casamento é educar para Deus os filhos gerados e entre ajudar-se, marido e mulher, a progredir no caminho para a santidade.

Em que é que vai consistir esta ajuda entre marido e mulher? Primeiro no *controle mútuo*. Talvez a palavra «controle» tenha uma ressonância um pouco desagradável, mas tem a vantagem de ser clara; vemo-nos com os olhos de outro. É uma observação que me fizeram os viúvos: «antigamente, eu via-me no olhar do meu marido, e nesse olhar eu descobria o que, no meu comportamento, não era conveniente; hoje, estou só, e nunca compreendi tão bem como agora até que ponto ter um companheiro é uma ajuda preciosa.»

Controle, olhar de outro, e também conselho desse outro. A mulher pode encontrar grande enriquecimento na forma de ver e viver a fé cristã, pois que no plano espiritual também é válida a lei da complementaridade. Não se trata de copiar o homem, e ainda menos que o homem não deva copiar a sua mulher, mas cada um deve encontrar no outro elementos que irão equilibrar, estabilizar e desabrochar a sua vida espiritual.

Um controle, um conselho, um apoio; eventualmente *um guia*. Os jovens maridos convencem-se facilmente que podem prover tudo à sua mulher: o amor é uma dessas riquezas! Mas atenção para não chegar ao que seria uma desordem: um marido - ou uma mulher – fazendo de director de consciência! Em tal matéria, as mulheres são em geral mais imperialistas que os homens. Isso não impede que cada um possa ser para o outro um guia extremamente precioso, sem no entanto suplantar o padre. O pobre padre! Que sabe ele daquela esposa que se lhe confessa? Certamente, ele sabe o que ela lhe diz, mas ele conhece bem mal a sua vida! O marido, ele, apercebe-se que os cozinhados se queimaram, que a mesa não está posta, que há pó por todo o lado... Mesmo se ele reconhece que a sua mulher é uma grande mística, ele achará desejável que ela junte aos seus dons, alguns mais práticos para executar as suas tarefas. De tudo isto o padre, ele, nem sonha. Nós não sabemos grande coisa dos nossos penitentes, no confessional, enquanto que o marido é o realista, os filhos têm exigências, e a mulher pode encontrar ao pé deles ajudas infinitamente preciosas para se orientar para uma vida espiritual autêntica.

Um homem dizia-me um dia: «Odette, é a minha consciência!» Com estas simples palavras, ele exprimia uma realidade própria do matrimónio. Tendo casado com uma mulher profundamente cristã, ele andava com ela por todo o lado como a sua própria consciência; mesmo longe, ela lembrava-lhe o que ele devia fazer ou o que ele devia evitar.

O amor humano

A primeira ajuda que a vida conjugal oferece: o cônjuge. Juntemos – não é de todo a mesma óptica – o amor humano. O amor é uma realidade muito grande, muito santa, que se enraíza no mais carnal do ser, mas que se deve desabrochar no mais espiritual. Este amor humano de um homem e de uma mulher um pelo outro, ainda que se situe em zonas exteriores, é uma introdução a um amor todo interior. Nós somos feitos assim, o sensível desperta o espírito. A sexualidade, da qual facilmente dizemos mal, é incitação a sair do egoísmo, orientação de um para o outro de dois seres que se arriscavam a morar cada um na sua torre de marfim. Essa atracção carnal – bem vivida entenda-se – faz com que as pessoas se juntem e, pouco a pouco, acedam a um amor de um nível cada vez mais elevado, até esse amor completamente banhado no amor de Deus a que chamamos caridade conjugal.

Quando de repente emerge o amor na vida de um rapaz ou de uma rapariga, é realmente «a grande oportunidade». Nós padres, vemos isso frequentemente nestes rapazes ou nestas raparigas, que já estão como que prisioneiros de si mesmos; é como se a sua alma estivesse dentro de uma carapaça que se fosse petrificando ao longo dos anos; O apelo do amor, o encontro do amor, é como, de um só golpe, uma fissura nesta carapaça; é a possibilidade, para estes seres, de uma entrega, e para as suas almas, de aceder finalmente à luz e de viver em plenitude a sua vida. «Esta força que nos chama de fora de nós mesmos, diz-nos uma heroína de Claudel, porque não confiar nela e segui-la? Porque não acreditar e entregar-nos a ela?» Digamos-lhe pois, a este jovem homem e a esta jovem mulher: tenham confiança no amor, mas tenham confiança prometendo a vós próprios responder a todas as suas exigências. Se forem leais com o amor, o amor levar-vos-á muito longe e muito alto; ele vos mostrará um amor de Deus sempre mais profundo; ele far-vos-á ver em Cristo o Esposo da alma cristã. Uma mulher casada dizia-me um dia: «Compreendo cada vez melhor que o verdadeiro casamento é o da alma com o seu Deus.» Precisamente, foi o seu casamento humano que lhe fez descobrir que ele é encarregado, com efeito, de representar e preparar: a união da alma com Deus. A união do homem e da mulher, toda a Bíblia nos diz, todos os autores espirituais o declaram, é a imagem da união de Cristo e da Igreja, da união do Cristo e de cada alma. E é vivendo com lealdade o seu casamento, estudando as leis que regulam o amor do homem e da mulher, que podemos descobrir gradualmente o que deve ser a intimidade da alma com Cristo. Quando os filhos vêm, à sua volta, trazem um imensa riqueza, mas exigem também um despojamento formidável. Formidável e necessário, porque o nosso caminho para a santidade é feito ao mesmo tempo de morte e ressurreição, de abnegação e crescimento na caridade. Os filhos, esse fardo do qual não nos livramos... os filhos, que fazem com que um homem e uma mulher não possam mais viver limitados a si. Uma mãe de família escrevia: «Não creio que haja um estado que exija mais o dom de si que a vida de mãe de família! Este dom, com efeito, é único, insubstituível. Se uma religiosa que se ocupa de uma obra fica doente, prossegue esta mãe, ela sabe muito bem que, substituída por uma religiosa de igual valor, a obra continuará como antes - ou mesmo melhor. Nós, ao contrário, sabemos que ninguém nos pode verdadeiramente substituir se não cumprimos a nossa tarefa; estamos presas na engrenagem do dom de si. Talvez seja aí, nesta tensão, neste sofrimento do dom de si constante, absoluto, que encontraremos o que outros procuraram no exercício dos três votos.» Sim, esta vida é terrivelmente penosa: acaba a independência, trata-se de depender: depender do cônjuge e dos filhos, depender de todas as necessidades de uns e dos outros.

O matrimónio, símbolo das realidades divinas

Uma outra ajuda oferecida pelo matrimónio, é precisamente o seu valor de símbolo do mundo divino e das realidades divinas. Eis uma página viva, cheia de interesse: «Posto perante a obrigação de rezar, escreve uma correspondente das Equipas de Nossa Senhora, lancei-me à água sem saber bem como nadar, e depois, de repente, fez-se luz; era necessário sem dúvida, e antes de tudo, criar-se um estado de alma de intimidade com Deus; mas então, é muito simples, estou treinada nesta ginástica pela nossa vida conjugal! Quando quero contribuir para fazer das nossas noites passadas juntos momentos de intimidade verdadeira, calo em mim todo o peso das preocupações domésticas, preocupações com as crianças, de trabalhos a fazer; procuro colocar-me, coração, inteligência e alma, liberta de tudo isso, disponível ao meu marido, à escuta das suas preocupações, dos seus pensamentos, das suas fraquezas; e seguidamente, talvez, falemos dos nossos filhos, das minhas próprias preocupações, do meu trabalho, mas num clima purificado. A referência à nossa vida conjugal terá sido, para mim, a primeira iniciação à oração, à preparação da oração. Parece-me que para nos ensinar a rezar, os padres deveriam dizer-nos: vivam intensamente a vossa vida conjugal, purificai-a, ou pelo menos, esforcem-se por fazê-lo com todos os meios que tenham. É que compreendi. Várias vezes, tendo tido a impressão de bater com os pés, tinha tido desejo de mergulhar-me em Santa Teresa d'Ávila, por exemplo, e depois, algo me parava e dizia que há outra biografia a consultar: a que nós escrevemos cada dia os dois.» Esta confiança está cheia de verdade: é mesmo isso, com efeito, que os casais devem descobrir no seu amor humano: uma iniciação ao amor cristão, ao amor de Cristo.

As ajudas sobrenaturais

Mas se o matrimónio traz ajudas naturais já preciosas, é sobretudo uma realidade sobrenatural. O matrimónio cristão completo, em todas as suas realidades, é sobrenatural e sacramental.

É um sacramento. Falamos do sacramento do matrimónio, mas é melhor dizer: o matrimónio é um sacramento, quer dizer que o sacramento não é um título, não é algo que se acrescenta; é este dom, de um ao outro, do homem e da mulher, que é matrimónio, que é sacramento. Poder-se-ia conceber que um homem e uma mulher se unissem, e que o padre, com uma bênção, lhes conferisse um sacramento; mas este sacramento, vê-se logo, seria como algo de acessório, ele não estaria interiorizado no seu amor. Com efeito é o seu dom mútuo que é sacramento, e é toda a sua vida de dom mútuo que é esta fonte de graças. Se Cristo disse: «Quando dois ou três se reunirem em meu nome, eu estarei no meio deles», por maioria de razão isto é verdade quando os que estão unidos, o estão por um sacramento. E por um sacramento que dura, e por um sacramento que é uma fonte de graças que nunca seca.

Mas precisemos bem: Quando dizemos que o matrimónio é um sacramento, isto quer dizer que todas as realidades do casal são portadoras de graças para os esposos que o vivem segundo a vontade divina. É na e pelo contexto da vida conjugal que Cristo comunica a sua graça a cada um dos esposos.

Como para os outros sacramentos, a acção de Cristo só é eficaz na medida em que o acolhemos. Por conseguinte, é necessário abrir-se a ela pela fé, pela humildade, pela cooperação que ela exige. E isto não apenas um dia, mas sempre. Porque o casamento não é como o vestido de noiva, que se coloca uma noite, devotamente, numa caixa, em cima de um armário, e que se acaba por esquecer. O sacramento do matrimónio é uma realidade viva, que está sempre lá, e à qual se deve constantemente fazer apelo. Os cônjuges deveriam fazer muitas vezes um acto de fé, nomeadamente na sua oração conjugal, neste sacramento que só lhes pede para agirem, para os unir, para os purificar, para os livrar do mal.

Fé, humildade, espera também: os sacramentos operam na medida em que tenhamos fome dos dons que nos oferecem. E depois, cooperação, com certeza. Se não nos esforçamos a amar, se não trabalhamos para tornar a união mais profunda, se não desempenhamos as

tarefas, a acção do sacramento fica como que travada. Mas se, pelo contrário, as desempenhamos verdadeiramente como convém, então o sacramento é realmente este dom maravilhoso de Deus aos cristãos casados que faz do seu casal uma célula da Igreja, uma parte integrante do mistério de Cristo - mistério de morte e de ressurreição. Este mistério que se vive na grande Igreja, vive-se também nesta «Igreja em miniatura», segundo a expressão de S. João Crisóstomo, que é o casal cristão.

OS PERIGOS DO MATRIMÓNIO

O matrimónio oferece pois ajudas inestimáveis para o caminho para a santidade, mas incontestavelmente comporta perigos, os mesmos dos quais se resguardam os religiosos pelos três votos: perigos dos bens materiais, pelo voto de pobreza; dos amores humanos, pelo voto de castidade; da fantasia e da independência, pelo voto de obediência. Os nossos cristãos casados não têm estes três votos, e com razão! É que seria enganar-se estranhamente convidá-los a assemelham-se o mais possível com os religiosos. Quem não o vê? Seria barrar-lhes o caminho para a santidade. Isso seria votá-los a um perpétuo complexo de inferioridade. Como poderiam assemelhar-se aos religiosos que pelos votos se despojam do dinheiro, da vida sexual, da independência, enquanto que a sua vida quotidiana, dos casados, os conduz sem cessar a estas realidades? Não é por conseguinte renunciando a estas realidades mas em se esforçarem por vivê-las cristãmente, que eles farão resplandecer a Redenção de Cristo neste triplo domínio. Mais precisamente, o uso cristão dos bens deste mundo oferece sérias dificuldades. Falemos um pouco delas.

Os bens materiais

Primeiro os bens materiais. A preocupação pelo pão de cada dia é em geral uma obsessão do pai de família. E quando ele trabalha dez horas por dia, às quais se podem acrescentar duas horas de trajecto, ida e volta, não lhe resta muito tempo para os exercícios religiosos. A preocupação e a procura dos bens materiais suprimem a liberdade de tempo, que poderia ser infinitamente precioso para uma vida mais humana e mais cristã.

É não apenas o tempo, mas a liberdade de espírito que é devorada pelas tarefas profissionais, por todas as exigências desta vida de trabalho, tanto o trabalho fora das tarefas do casal como as actividades domésticas da mãe de família. E estas exigências impõem-se a todos.

Além disso, quando chegamos a um certo conforto, os bens materiais dispensam o esforço e uma certa austeridade de vida, e aí temos outro perigo, não menos grave. É sobretudo uma coisa da qual a riqueza afasta: é a humilhação. Um inspector das finanças, homem pouco habituado à miséria, morava em Paris durante a “ocupação”; tinha muitos filhos; como todos os outros parisienses, tinha de ter muita habilidade (c) para se abastecer dos alimentos necessários; saía aos Domingos, de bicicleta, para os campos circundantes; e apesar de inspector das finanças que era, quando entrava na quinta, o cão atirava-se aos seus pés; e quando batia à porta da casa da quinta, era despachado por um empregado doméstico que não se deixava nada impressionar pelo Senhor Inspector das Finanças. “Nunca me tinha dado conta, disse-me ele um dia, a que ponto o nosso dinheiro, a nossa situação social, nos põe ao abrigo da humilhação.»

Os bens materiais não dispensam apenas da humilhação; dispensam também do abandono a Deus. Pierre Dupouey escrevia à sua mulher, algum tempo antes de morrer: «Se vier a desaparecer, não te preocupe demais o amanhã; não esqueças que um pouco de incerteza do futuro é o melhor agulhão da confiança, do abandono a Deus. O grande mal dos ricos, é que o seu ouro os põe ao abrigo da Providência, das suas maravilhosas, ternas e paternais delicadezas; eles programam toda a sua vida no seu cérebro e não têm, como nós, uma parte ligada a Deus.» Sim, os pobres têm uma parte ligada a Deus, e eis porque toda a Bíblia canta a glória dos «anavim» (d), porque Cristo disse: «Felizes os pobres».

É preciso por conseguinte mostrar às pessoas casadas o desfile de todas estas dificuldades. Convidá-las a poupar tempo, sabendo de resto que não lhes é fácil; exortar ao espírito de pobreza, que consiste em usar cristãmente os bens materiais - e é às vezes mais difícil que despojar-se de todos os bens; ensiná-los também a passar à prática este espírito de pobreza, que não deve permanecer apenas um espírito. Actualmente, facto característico, cristãos laicos têm esta inquietação da pobreza evangélica. Por exemplo, este casal provido de uma boa situação e de numerosos filhos. Frequentemente me perguntavam: «Temos razão em manter a nossa situação? Não deveríamos ir viver pobres entre os pobres?» Mas isso colocava grandes problemas: educação dos filhos, família... Procuravam e não encontrando, eram infelizes. Ora um dia, disseram-me o seguinte: «Não podemos deixar de ter um salão, uma sala de jantar para receber convenientemente os nossos convidados, mas oferecemo-nos, no nosso casamento, um quarto extremamente luxuoso; pois bem, decidimos, se não desaprovar, vender esses móveis. Procuraremos uns mais modestos, e com o valor da venda, poderemos procurar para duas famílias alojadas num só quarto, um alojamento mais conforme com as suas necessidades.»

O amor humano

Uma segunda série de obstáculos pode ser encontrada no amor humano. Ao dizer amor humano, não falo apenas da vida carnal, mas também do amor espiritual dos cônjuges um pelo outro – e entendo espiritual, primeiro no sentido humano do termo. Esta ligação de dois seres um pelo outro, se não é corrigida sem cessar, curada, transfigurada pela caridade de Deus, é muitas vezes um verdadeiro obstáculo ao desabrochar da vida cristã. Menos liberdade de espírito, menos liberdade de coração, uma espécie de rede que se tece, que se fecha pouco a pouco... São Paulo disse: «O que é casado é partilhado» Sim, ele é partilhado, tem-se de fazer um esforço muito grande, muitas vezes, para que o amor do cônjuge não relegue o amor de Deus para um segundo plano. O mesmo se passa com os filhos. Sabemos a que ponto as mães de família podem tornar-se possessivas, e a que ponto tudo o que há nelas de egoísmo se pode precisamente fixar nos seus filhos.

Por pouco que tenhamos estado em contacto com casais, também sabemos todos os problemas que se colocam com a limitação dos nascimentos, a obrigação de uma continência frequentemente muito dura de respeitar.

A independência

Terceiro perigo. Que por vezes dizemos aos casais que confiam em nós: Há para vós algo de mais perigoso que os bens materiais, mais perigoso que a carne: é a vossa *independência*, é o espírito de independência, o espírito de insubmissão. Insubmissão da mulher face ao marido, insubmissão do casal face ao clero, face à Igreja. Estamos alarmados, actualmente, com esta «espiritualidade da insubmissão», se podemos dizer, de muitos leigos: vontade própria, ideias pessoais, críticas acérrimas... Que fazer? Convidá-los primeiro a uma submissão mútua. Quando amamos um ser, submetemo-nos a ele, abdicamos da vontade – no entanto, bem entendido, tudo se passa em ordem. O amor é uma grande escola de

N.T. (d) Os pobres da Bíblia, os «**anavim**» são os humildes, os que procuram Deus : Sofonias 2,3

dependência, com a condição que seja verdadeiro e justo. Submissão ao outro, submissão às exigências do casal. Duma certa maneira, não podem evitar esta submissão; mais ainda eles devem aceitá-la como uma dependência amada e escolhida; então, não há nada mais benéfico, mais purificante como esta dependência de todos os dias, de manhã até à tarde, e de dia e de noite.

E também submissão, abandono, à vontade de Deus. Numa vida de família, este abandono não tem o carácter metódico, pontual, uniforme, da obediência religiosa, mas não é menos meritório, e muitas vezes inesperado... Testemunha esta mãe de família da qual me contaram recentemente uma aventura pitoresca: Ela dispunha-se a fazer devotamente a sua oração da manhã quando, de repente, ele ouve barulhos no quarto ao lado; precipita-se... e finalmente encontramos-na no metro, com o seu filhinho nos braços; ele tinha um enorme penso na testa: acidente grave, sem dúvida... cedemos-lhe o lugar. Ao fim de dois minutos, ela dá uma bofetada no filho. Indignamo-nos em silêncio. O pequeno começa a brincar de novo com o chapéu da sua mãe: nova bofetada! Então uma senhora idosa, discretamente, aborda esta jovem mulher: «Escute, minha senhora, compreende... quando um pequeno sofre muito, temos de ser indulgentes... Seja mais doce com ele. – Ah! sim, ah! você pensa, eh bem, vai ver!» Então, pouco a pouco, ela desfaz o enorme penso, e que vemos? O miúdo tinha colocado um certo instrumento na cabeça, pouco glorioso, que não pomos lá habitualmente... E a sua mãe, não o tendo conseguido retirar, levava o seu filho ao médico para extrair este instrumento! E mesmo na altura em que ela ia fazer as suas orações! Eis um caso para nos lembrarmos das palavras de Pascal: «Se Deus nos desse mestres seus, oh! como era necessário obedecer-lhes de boa vontade; a necessidade e os acontecimentos são assim, infalivelmente!» «E sim, a vontade de Deus, minha senhora, manifestou-se assim! – Não me vai fazer crer que Deus quis que o meu filho metesse este instrumento na cabeça? – Claro que não, mas a vontade de Deus é, estando o miúdo assim, que renunciáis à oração e o conduzáis ao homem que terá a arte de o retirar!»

Submissão à vida, submissão aos acontecimentos, e também submissão ao padre, ao conselheiro espiritual.

Falta de formação

Entre os perigos, realçamos o mais grave : falta de formação para uma verdadeira vida cristã. Para eles, não há noviciado! «Se o casamento tivesse um noviciado, dizia São Francisco de Sales, não haveria muitos professos!» É possível, mas de facto esta formação sobre a espiritualidade dos cristãos casados falta gravemente aos que enveredam pela via do matrimónio. Para esta formação não têm nem tempo, nem professores, nem escola! Embarcamo-los numa vida espantosamente difícil, sem os preparar para ela: há aí algo de singularmente grave!

O l'Anneau d'Or, pelo seu lado, estabeleceu como missão trazer aos noivos e aos casais esta espiritualidade do cristão casado. Com alguns casais pusemos de pé um *Centro de Preparação para o Matrimónio*, em Paris (16^º), 17, rua Dufrénoy. As iniciativas multiplicam-se. Isso não impede que estejamos ainda longe do fim.

Um dos grandes meios de formação, são os retiros fechados de noivos e casais. Os mais benéficos, são os de cinco dias, onde os esposos vêm juntos. Cada um no seu quarto, e vive no silêncio completo, excepto numa longa troca de pontos de vista entre marido e mulher, no 4^º dia, para procurarem juntos como viver mais perfeitamente a sua vida de família. Não fomos nós quem impôs estas exigências: foram os próprios casais que chegaram ao ponto de as desejar. Eles descobriram que se fica extraordinariamente unido e que a união é singularmente reforçada quando, durante cinco dias, se recebem os mesmos ensinamentos, se reza juntos, sem no entanto falar entre si.

Enfim, para os casais como para os religiosos, é bem difícil viver a vida cristã se não a vivemos em comum. O exemplo que nos deram os primeiros cristãos deve ser seguido. Os

nossos grupos de casais, as Equipas de Nossa Senhora, são estas pequenas comunidades, a que eu chamaria um «ambiente de alimento sobrenatural» onde, precisamente, encontramos esta entre ajuda que permite aos casais abrirem-se e desabrocharem para a graça de Cristo.

*

Faltaria mostrar agora o rosto dos casais que se esforçam por viver segundo esta espiritualidade conjugal. Contentar-me-ei com umas breves ideias.

Trata-se de cristianizar toda a vida familiar. E primeiro, de voltar a procurar o sentido cristão de todas as realidades familiares, e de se colocar a questão: «Basicamente, qual é o pensamento de Deus sobre o amor, sobre a paternidade e a maternidade, a sexualidade, a educação, sobre todas as grandes realidades do casal?» E não somente descobrir, mas ainda querer realizar a ideia de Deus sobre todos estes assuntos.

Falta ainda voltar a procurar o que chamamos de bom grado um estilo cristão do casal: o estilo cristão das relações entre pessoas: entre os esposos, entre pais e filhos, entre pais e avós, entre o casal e os amigos; um estilo cristão da envolvente: da casa, do mobiliário, do vestuário, das refeições, das despesas; um estilo cristão das actividades quotidianas: o trabalho, o lazer, o levantar, o deitar, as insónias, a hospitalidade. Como fazer para que tudo isso seja cristão, pareça cristão, que tudo isso resplandeça da graça de Cristo? Um estilo cristão dos dias: o Domingo não se vive como o Sábado, o Sábado como a 6ª feira, a 6ª feira como os outros dias da semana; um estilo cristão dos grandes acontecimentos: o nascimento, a doença, as dificuldades, o matrimónio, a morte... Viver cristãmente estes acontecimentos. E tudo isso, «para que Deus seja glorificado em todas as coisas», como dizem os beneditinos. Por último, não estando o casal isolado na cidade e na Igreja, esta espiritualidade conjugal e familiar é também espiritualidade do empenhamento do casal nas tarefas humanas e nas tarefas da Igreja. Mas isso é matéria para outra conferência.